

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Métrica e Rítmica nas *Odes Píticas* de Píndaro

Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Orientador: Prof. Dr. André Malta Campos

Tese apresentada ao Programa de
Letras Clássicas do Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculos da
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Doutor em Letras.

São Paulo

2012

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo métrico e rítmico das *Odes Píticas* de Píndaro, bem como uma tradução desses mesmos poemas com o objetivo de reproduzir os aspectos métricos e rítmicos identificados durante o estudo. Trata-se, portanto, de uma abordagem que privilegia não o sentido, como se faz de costume no âmbito acadêmico, mas, sim, alguns elementos formais bem específicos (o metro e o ritmo), os quais são caros ao tema central da tese que defendemos: a da unidade rítmica nos epínícios aqui estudados.

Abstract

This work is comprised of a metrical and rhythmical study of Pindar's *Pythian Odes*, as well as a translation of said poems with a view to reproduce the metrical and rhythmical aspects that were identified during the study. Hence, this approach focuses not on the meaning of the poems, as it is usually done in the academy, but on specific formal elements (meter and rhythm) that are dear to this thesis' central theme: the rhythmic unity of these victory odes.

Índice

Apresentação

Agradecimentos	p. 5
Súmula do trabalho	p. 6
Legenda de símbolos utilizados	p. 11

Parte I: Teoria

1. Métrica	p. 17
2. Rítmica	p. 33
3. Métrica e rítmica em Píndaro	p. 59
4. Nomenclatura e regras para análise	p. 78

Parte II: Análise

5. Análises métricas e rítmicas comparadas	p. 86
Pítica I	p. 87
Pítica II	p. 96
Pítica III	p. 109
Pítica IV	p. 117
Pítica V	p. 126
Pítica VI	p. 137
Pítica VII	p. 143
Pítica VIII	p. 153
Pítica IX	p. 161

Pítica X	p. 171
Pítica XI	p. 181
Pítica XII	p. 189

Parte III: Tradução

6. Uma proposta de tradução	p. 195
Pítica I	p. 198
Pítica II	p. 211
Pítica III	p. 221
Pítica IV	p. 233
Pítica V	p. 255
Pítica VI	p. 268
Pítica VII	p. 277
Pítica VIII	p. 283
Pítica IX	p. 293
Pítica X	p. 305
Pítica XI	p. 315
Pítica XII	p. 323

Apêndices

7. Píndaro na melodia de Beethoven	p. 328
8. A melodia da áurea lira Píndária	p. 330
9. Possíveis (proto-)estruturas D/e em outros poetas	p. 333
Bibliografia	p. 338

Apresentação

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio concedido durante o doutorado.

Ao professor André Malta Campos, por toda a sua compreensão, paciência e amizade.

Ao professor Breno Battistin Sebastiani, por todos os bons conselhos para o estudo e para a vida.

Aos professores José Antonio Alves Torrano, Flávio Ribeiro de Oliveira, Paula da Cunha Corrêa e Alexandre Pinheiro Hasegawa, pelas críticas construtivas, que redefiniram o rumo deste trabalho.

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio constante.

Súmula do trabalho

Este trabalho consiste em um estudo métrico e rítmico das *Odes Píticas* de Píndaro, bem como uma tradução desses mesmos poemas com o objetivo de reproduzir os aspectos métricos e rítmicos identificados durante o estudo. Trata-se, portanto, de uma abordagem que privilegia não o sentido, como se faz de costume no âmbito acadêmico, mas, sim, alguns elementos formais bem específicos (o metro e o ritmo), os quais são caros ao tema central da tese que defendemos: a da unidade rítmica nos epinícios aqui estudados.

Os *Studia Pindarica*, publicados em 1962 por Elroy Bundy, contribuíram imensamente para o entendimento que se tem hoje a respeito do gênero epinício e de suas características. Ao mostrar que as odes de Píndaro, pela comparação com as de Baquilides, possuíam tanto um objetivo claramente encomiástico quanto uma composição indiscutivelmente coesa, Bundy deu um passo importante para uma mudança nas discussões a respeito do gênero. Com esse passo, houve uma perda de relevância em duas das questões mais discutidas até então: a da existência ou ausência de unidade nas odes e a da interpretação dos poemas a partir de uma perspectiva biografista.¹

¹ A questão da unidade nas odes foi introduzida por Boeckh e Dissen (1811-1821) na edição das odes então realizada por Boeckh. Nos comentários que fez mais tarde a todas as odes, Dissen (1843) formulou a tese de maneira mais explícita, na asserção da existência de um pensamento central ("Grundgedanke") que orienta cada uma das odes e lhes dá sentido. A busca por esse pensamento central ocupou os filólogos durante boa parte do século XIX, com um movimento de ruptura, em seguida, tomando forma com Wilamowitz. Em seu *Pindaros* (1922), Wilamowitz nega a unidade das odes e busca compreendê-las segundo uma perspectiva histórico-biográfica, procurando elementos da vida do poeta dentro dos poemas, para entendê-los em relação aos dados históricos que o próprio Píndaro oferece, bem como aqueles advindos de outras fontes do período. Esse tipo de leitura foi bastante presente até um pouco depois da primeira metade do século XX, com expoentes como Lattimore (1942), Bowra (1964) e Norwood (1974). Por outro lado, também houve leituras neo-unitaristas, após a revisão de Schadewaldt (1928) da teoria de Dissen, propondo que as odes possuíam uma espécie de roteiro ("programme"), no qual estavam contidos *topoi* como o elogio do vencedor, de sua família e de sua cidade; elementos históricos; narração de mito; reflexão; além de outras considerações que seriam advindas dos próprios sentimentos do poeta. Cf. Lloyd-Jones (1990: 57-79, 110-53) para uma visão mais detalhada do histórico crítico de Píndaro.

Com o passar dos anos, conforme o trabalho de Bundy foi se tornando conhecido e aceito (ao menos em parte)² pela maioria dos estudiosos, novas questões passaram a receber a atenção dos críticos. Uma delas, que já havia sido relevante no passado, foi a do caráter histórico das odes. A renovação de sua importância se deve ao fato de que, apesar do papel encomiástico do gênero, é inegável que haja referências históricas em Píndaro, em relação tanto a eventos quanto a personalidades reais, as quais muitas vezes são o próprio *laudandus* dos poemas.³

A segunda questão de maior enfoque nas últimas décadas foi a da performance dos epinícios. A esse respeito, durante muitos anos, houve um debate acirrado entre dois grupos, representados, em primeiro plano, por Heath (1991) e Lefkowitz (1988) de um lado e por Carey (1991) e Burnett (1989) de outro, os quais defenderam, respectivamente, a performance solo contra a performance coral das odes.

Depois de bons argumentos pelas duas partes, a discussão chegou a uma espécie de *stalemate*, sem que haja provas ou argumentos definitivos que possam eliminar

² Como lembra Boeke (2007: 8), mesmo Pfeijfer, um forte crítico de Bundy "[...] who rejects Bundy's claims about the interpretative power of rhetorical convention in favour of explaining the ode from the perspective of the specific occasion of its first performance and the particular people involved, subscribes to the idea that enhancing the glory of the victor is paramount, thus illustrating Goldhill's remark that "(t)he history of modern criticism of Pindar ... turns on the notion of praise."

³ Lloyd-Jones (1990: 122-3) apresenta a questão de maneira bastante equilibrada, percebendo o valor do trabalho de Bundy, mas apontando a necessidade de também se trabalhar a perspectiva histórica dos poemas: "Bundy has beyond doubt done an immense service to the understanding of Pindar by reemphasizing the importance of convention in Pindaric art, by warning us against the naive romantic assumption that lyric poetry must involve unreserved self-revelation, and by exposing as gratuitous assumptions a number of supposed allusions invented by scholars in order to explain the difficulties of the text. At the same time, it is possible to pursue this approach too far, as some of Bundy's followers have already shown. The Ariadne's clue to the understanding of an epinician ode is, as Bundy has insisted, the realization that its main purpose is to praise the victor. But the victors whom Pindar celebrated lived at a particular time in a particular society. Each had his own place there. It was therefore inevitable that some echo of events in that world should be found in Pindar's poetry." Outra importante observação é a de Lee (1978: 66), quando aponta que os próprios elementos tradicionais e formais da ode podem ter maior valor em si próprios do que simplesmente servirem o propósito encomiástico do epinício: "The primacy of the encomiastic purpose does not in turn imply that praise is the *exclusive* function of the elements in an ode. Hymnal features, mythical narrative, gnomic statements, and the other material found in victory odes unfold in a linear sequence, as Bundy has shown, and the resulting complex whole aims to glorify the victor; but each of these elements, while part of such a sequence, may simultaneously also possess an interest of its own."

alguma das hipóteses.⁴ Apesar da impossibilidade de um resultado mais contundente, os trabalhos feitos a esse respeito serviram para renovar o interesse no papel da performance das odes, por mostrarem como muitos elementos dentro dos poemas podem ser interpretados de maneira diferente dependendo de que visão se adote em relação a quem os cantava.⁵ Assim, ainda que não haja uma resposta definitiva para a questão, a discussão a respeito da performance em Píndaro serviu para evidenciar a necessidade de se adotar uma ou outra postura ao interpretar alguma das odes.⁶

Se, por um lado, a questão da unidade de sentido das odes encontra-se razoavelmente definida, por outro lado, permanece em aberto o debate acerca da ausência ou presença de unidade de metro e de ritmo nesses poemas. O presente trabalho pretende lidar justamente com essa questão: com a métrica e a rítmica das odes de Píndaro. Da mesma forma como ocorre nas questões observadas acima, também uma postura diferente em relação a como se enxergam esses elementos pode influenciar o sentido do texto: variações estruturais, frases métricas incomuns, modulações rítmicas, etc., todas essas características são parte dos artifícios empregados pelo poeta para constituir a moldura na qual serão pintados os seus temas, tanto quanto o são metáforas, assonâncias ou quaisquer outras figuras de linguagem ou de estilo.⁷

⁴ De acordo com Currie (2004: 49), apesar da situação inconclusa do debate, parece haver "[...] a broad consensus on three points. First, that choral performance was the general rule for the first performance. Second, that (notwithstanding the rule just formulated) some epinicians may have been performed solo. Third, that all reperformances of epinicians were solo."

⁵ Os desdobramentos da discussão podem se notar, por exemplo, no artigo de Morgan (1993: 2), que prefere a visão coral não por ser mais convincente, mas porque oferece perspectivas que lhe parecem mais interessantes: "Since neither hypothesis can be proved correct, it seems logical to prefer the one that results in a more satisfying picture of Pindar as a poet. Although I shall incorporate some of the insights that have arisen from the development of the solo hypothesis, I shall conclude that it is rhetorically more desirable to suppose that references to multiple voices do not look to a performance external to the epinician ode. Rather, they express a more complicated dynamic wherein the poet's voice is imposed upon a chorus of multiple voices that in turn draws the κῶμος into its orbit."

⁶ Heath e Lefkowitz (1991: 174) citam como exemplo o fato de que "[...] W. J. Slater's influential paper on futures in Pindar takes the choral hypothesis for granted; if that hypothesis is questioned, his conclusions will need to be modified."

⁷ Este trabalho, no entanto, não tem a ambição de demonstrar de que maneira esses recursos podem dialogar com o sentido. Parece-nos que esse seria um passo seguinte nessa linha de pesquisa. Por ora, vemos a necessidade de primeiro estudar a fundo a composição métrica e rítmica desses poemas, para talvez futuramente nos dedicarmos a um estudo dessa natureza.

O ponto de vista que defenderemos, por meio de uma investigação de teorias antigas e novas, é o de que parece existir, sim, uma lógica única ordenando o ritmo das odes. Ademais, ao buscar a compreensão dessa lógica, identificaremos possíveis estruturas eólias novas, de formação mais livre do que a usual.

Como ponto de partida, tomaremos as teorias métricas e rítmicas dedicadas ao estudo da poesia de Píndaro, bem como aquelas de cunho mais geral, desde autores da antiguidade até críticos recentes. Eventualmente, chegaremos até o trabalho de Basil Gildersleeve, que, no final do século XIX, empreendeu uma análise rítmica inovadora das *Olímpicas* e das *Píticas*, procurando encontrar compassos musicais de feitura idêntica dentro de poemas compostos por uma variedade de gêneros métricos distintos. Ainda que suas análises para as odes ditas dáctilo-trocaicas (ou dáctilo-epitríticas, D/e) sejam bastante contundentes, o mesmo não se pode dizer de sua interpretação das odes chamadas logaédicas – odes estas que ainda hoje oferecem uma grande dificuldade de análise a estudiosos de métrica e rítmica. À luz de teorias posteriores (de Kitto, Itsumi, West, Gentili, Cole, etc.) e anteriores (Christ, Boeckh, Dissen, escoliastas, musicólogos antigos, etc.) a Gildersleeve, procuraremos revisitar seu método de trabalho e empreender uma nova análise rítmica tanto das odes logaédicas (II, V, VI, VII, VIII, X, XI) quanto das odes dáctilo-trocaicas (I, III, IV, IX, XII).

Ainda que acreditemos ter algo a contribuir ao trabalho de Gildersleeve em relação às odes D/e, será nas odes logaédicas que encontraremos um território ainda fértil para descobertas, as quais revelarão novas possibilidades de interpretação para as chamadas estruturas eólias. Em especial, procuraremos demonstrar a existência de estruturas eólias ainda não reconhecidas pelos estudiosos, como, por exemplo, o wilamowitziano catalético. Ao fazê-lo, fundamentaremos sua existência pela comparação com fenômenos semelhantes, verificáveis em fragmentos musicais remanescentes e em excertos da teoria rítmica, métrica e musical da antiguidade.

Preferimos delimitar nosso *corpus* às odes *Píticas* devido ao intuito secundário de produzir uma tradução dos poemas trabalhados. Essa tradução foi realizada de forma a mimetizar, de forma bastante próxima, os dois padrões métricos e rítmicos que acreditamos ter identificado nas odes de Píndaro. Com isso, nossa tradução, além da

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

